

grau e nem uma preparação para o ensino posterior, ele também não define claramente a sua característica.

Há exemplo de frases no livro que ilustram esta postura da autora, como: "Cotidianamente nos defrontamos com questões que envolvem a aritmética; na distribuição de material, na arrumação da *sala de aula* para a próxima atividade..." (pg. 109), "Medindo formas geométricas, como, por exemplo, o perímetro da *mesa de trabalho* das crianças (basta para isso um pedaço de barbante, instruir que este pedaço vale 1 e ver quantos "uns" têm o lado da mesa, sem se esquecer de registrar a cada passo os valores obtidos)..." (pg. 114) (destaques meus).

Se por um lado a autora avança em algumas discussões, como utilizar objetos para medir que não seja uma régua ou então utilizar-se do próprio cotidiano, como no caso a arrumação da sala para estar ensinando às crianças os conteúdos a que se propõe, há também um outro avanço importante que é a proposta de trabalhar a geometria junto com a aritmética a partir dos próprios objetos do dia a dia da criança.

No entanto, para mim fica uma contradição muito forte em se tratando de educação infantil, pois como nas próprias frases acima citadas, faço alguns destaques de palavras: sala de aula e mesa de trabalho, as quais podem parecer sem muita importância, mas no entanto refletem uma concepção de infância dentro dos padrões burgueses e capitalistas, da não valorização da cultura infantil, do não direito de a criança ser criança, ou seja, ela acaba perdendo o direito ao brincar em substituição ao trabalhar.

No meu entender, esta visão que a autora nos coloca, de que a educação infantil deve ser encarada como escola, não me é convincente. Principalmente em se tratando de instituições onde existem crianças na faixa de idade entre 0 e 6 anos e que permanecem nesses locais aproximadamente 12 horas por dia.

Desse modo, a autora escreve coisas interessantes e relevantes no que diz respeito à educação infantil, como de os conhecimentos fazerem

parte da vida da criança, isto é, de serem significativos e partirem da realidade dela.

Mas no meu entender, é necessário avançarmos nessa discussão. Temos que sair do conceito escolar e construirmos um outro, para que esta realidade seja adequadamente trabalhada.

A meu ver, o currículo não pode ser dividido em duas esferas: uma de conteúdo, e outra de necessidades físicas e emocionais. Acredito que dessa forma estaremos reforçando o pré-conceito de que a criança pobre precisa ser assistida nas suas necessidades físicas e emocionais, pois quando "a tia da escolinha" particular escova os dentes das crianças, ela pode estar trabalhando ciências, enquanto que as instituições públicas simplesmente assistem às crianças.

TECENDO POR TRÁS DOS PANOS

Márcia Aparecida Gobbi *

ROCHA COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos; A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco 1994, 249 pp.

O papel social da mulher vem alterando-se há décadas. Tempos atrás pensávamos com base nas ciências biológicas que nos mostraram de forma determinista a diferença entre homens e mulheres. Assistimos em um outro período a uma certa convivência das ciências sociais que, de um modo geral, tendiam acreditar no ponto-de-vista masculino que encarava o poder exercido pelas mulheres com ilegítimo ou menos importante, voltando suas pesquisas para a autoridade e o poder exercido pelos homens. Hoje, após vários estudos e lutas das mulheres é possível pensarmos que ser homem e ser mulher são categorias socialmente construídas, resultado de uma intrincada rede de significações sociais.

* Pós-graduanda da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Maria Lúcia Rocha Coutinho utiliza-se desse ponto-de-vista para fazer sua pesquisa com oito pares de mulheres cariocas de classe média dividindo-as em dois grupos: o primeiro, de mulheres com idade entre 60-75 anos e, o segundo, composto pelas filhas primogênicas dessas mulheres tendo idade entre 35-45 anos e que têm pelo menos um(a) filho(a). Procura saber o que foi mudado de uma geração à outra, se são utilizadas as mesmas técnicas para influenciar e controlar os membros da família tendo em vista, principalmente, que se trata de duas gerações que passaram por momentos históricos importantes. São mulheres que tiveram filhos logo após a Segunda Guerra e suas filhas, as mães da década de 70. Procura conhecer o poder exercido pela mulher limitado ao espaço do lar e da família e que burla sutilmente o poder masculino socialmente legitimado. Faz-se uso do "jeitinho", de ordens, reprimendas, ameaças, chantagens, vigilância sobre filhos e marido e trama-se uma rede que, invisível, controla e organiza o interior da casa e da família e que, por vezes, extrapola esse domínio fazendo-se presente no espaço público.

Confinadas por séculos no espaço da casa, onde reinavam quase que absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontraram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência, em murmúrios que se perdiam, muitas vezes, no corpo forte dos homens que as sufocavam. Nem vítimas nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina... (p. 19).

O título do livro *Tecendo por trás dos panos*, vem daí, do propósito da autora em revelar as teias que vão se formando ao longo das gerações e que às vezes, passam despercebidas por nós, leitores do mundo, pesquisadores ou não. Para mostrar-nos esse tecido, a autora propõe um resgate da história da mulher centrando-se na mulher brasileira, objeto de seu estudo, colocando o leitor em contato com vários discursos que foram proferidos e que

alicerçaram a imagem sobre as mulheres e as ações por elas tomadas.

Com o advento da modernidade a mulher transforma-se em um ser doce, espera-se dela o recato, o comedimento, suas ambições não ultrapassam o limite do lar, é o amor materno, como nos mostra a autora, que vai alicerçar as ações tomadas no interior da casa em relação aos filhos emarido - é onde ela reinará absoluta, detendo um poder especial, não explícito e que, ironicamente, acaba por confinar-lhe ainda mais a esse espaço por ser a imprescindível educadora dos filhos, administradora do lar, não podendo ser negligente sob pena de ser punida socialmente. Para isso seus desejos são, grande parte das vezes, esquecidos. "...os comportamentos de subordinação femininos ficam então emaranhados no cotidiano dessas mulheres como forma natural..." (p. 39)

Naturalizam-se as diferenças dos papéis sociais, dos a-fazeres e introjeta-se o discurso da "natureza" feminina. Um discurso que conforme afirma Rocha Coutinho, é social e está longe de ser do domínio da natureza.

Resgatando um pouco a história da mulher e da família brasileiras, a autora mostra-nos uma organização patriarcal não restrita à família. O autoritário *pater-familias* do Brasil colônia dominava tudo: economia, sociedade política, seus parentes e agregados, seus filhos e suas esposas. O comportamento da mulher variava segundo a classe a que pertencia. O elo dessas mulheres com o mundo público era feito pelos mascates ou quitandeiras que traziam ao domicílio aquilo de que necessitassem: roupas, calçados, objetos de adorno. Com a chegada da corte portuguesa, há uma mudança no comportamento dessas mulheres que agora são mais frequentemente vistas em espaços públicos, principalmente as mais abastadas sem, no entanto, abandonar suas funções de procriadoras e administradoras do lar. Os discursos da época tentavam legitimar tais atitudes e os olhos acostumavam-se a ver um maior número de mulheres em espaços públicos. A saída da casa para a rua intensificou-se no século XIX com a industrialização, quando se percebe, mais uma vez, o discurso e a política contraditórios do Estado

com relação à mulher: de um lado reforçando sua presença no lar e, de outro, guardando-a como exército de reserva a fim de participar quando necessário do mercado de trabalho e colaborar com o crescimento da nação. Essa saída não ocorre sem resistência e a carreira profissional era praticamente inconcebível para a mulher até poucas décadas atrás quando suas lutas mostraram tais contradições. No entanto, a autora levanta um outro problema bastante interessante e presente em nossos dias: surge a super-mulher, aquela que trabalha dentro e fora de casa acumulando uma dupla jornada de trabalho e que, por vezes, legitima os dois discursos, o que a coloca em igualdade de direitos com os homens e aquele que ressalta a natureza da mulher e a coloca como naturalmente inclinada aos trabalhos domésticos. Na pesquisa de campo feita pela autora, essa característica é percebida nas entrevistadas com idade entre 35-45 anos que demonstram, através de suas falas, almejar o modelo da super-mulher. "...a gente quer ser uma super-mulher. Eu acho que a gente queria resolver todos os problemas de uma vez só" (p. 226).

É demonstrado através das entrevistas que, embora tenha havido mudanças que alteraram o papel social da mulher, as estratégias utilizadas pelas mães das entrevistadas com idade entre 60-75 anos ainda perduram, somam-se e entrecruzam-se discursos através das gerações.

...apesar de todos os avanços, tais mulheres assumem as tarefas no espaço público a que se lançaram sem, no entanto, abrir mão de suas antigas atividades... procurando responder o melhor possível às cobranças sociais (p. 238).

Nem Evas pecadoras, nem Marias submissas, nem feministas militantes, as mulheres dividem-se procurando encaixar-se em um modelo que hoje se encontra mais diluído e não tão nítido quanto foi para gerações passadas. O poder exercido no interior do lar encontra-se presente hoje associado a uma prática e a um contexto social e histórico que levam a mulher para o domínio do espaço público exigindo dela

um bom desempenho profissional e mudanças de alguns hábitos e costumes.

Cabe perguntar, ao finalizar a leitura da obra: qual o modelo que se encaixa hoje e que configura a "nova mulher" ou a identidade feminina, resultado de gerações que se subordinaram e resistiram de diferentes maneiras? A autora responde-nos salientando que não se trata de mostrar "o" modelo homem e mulher mas, buscar atender aos interesses de ambos. A proposta é que a mulher se conheça melhor compreendendo sua história enquanto mulher e a história de suas precursoras que "teceram formas de ser mulher".

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA PRÉ-ESCOLA

Suely Amaral Mello *

Governo do Estado de São Paulo. *Proposta Pedagógica para Pré-escola*. SP: FDE, 1994, 100 pp.

Dentro do Projeto Inovações no Ensino Básico, a SEESP apresenta uma nova proposta curricular para crianças de 4 a 6 anos para o Programa de Expansão e Melhoria da Educação Pré-escolar na Região Metropolitana de São Paulo.

Expressão da compreensão geral que temos hoje do papel da educação infantil - nossa concepção de homem, sociedade, educação, processo de conhecimento e, conseqüentemente, de criança, escola, papel do educador, do conteúdo e das formas como organizá-lo, do material com que trabalhar, das formas como avaliar o que se deve avaliar -, a proposta contém inúmeros avanços em relação ao que tem sido em geral proposto para a pré-escola brasileira e traz como marca mais significativa a concepção de criança como *capaz* de aprender.

* Professora da UNESP - Marília